



institute benjamenta

1995 . UK . 101'

realização The Brothers Quay

argumento Alan Passes e The Brothers Quay (inspirado na obra de Robert Walser com o mesmo título)

fotografia Nic Knowland

design de produção Jennifer Kerne

montagem Larry Sider

música Lech Jankowski

intérpretes Mark Rylance, Gottfried John, Daniel Smith, Alice Krige

produção Koninck Studios

> Não sabia quem eram os irmãos Quay quando vi «Institute Benjamenta», em 98, no Espace St. Michel. Li algumas coisas, na altura, nos *Inroruptibles*, no *Libération*, mas continuo a não saber. (Pode ficar a saber-se qualquer coisa em www.zeitgeistfilms.com/current/quays/quays.html, mas passei por lá distraidamente. Outros interesses, outras tarefas. São gémeos, são americanos e trabalham em Inglaterra.) Fui ver o seu filme porque começara a interessar-me por Robert Walser e tinha lido pouco antes a tradução francesa de um romance seu, «Jakob von Gunten. Ein Tagebuch», de 1909, em francês com o mesmo título do filme: «L'Institut Benjamenta». Lembro-me do efeito do prefácio de Marthe Robert, que o traduziu, e da pequena nota biográfica de Robert Walser com que o inicia. Vão a correr ler *Die Spaziergang*, que está traduzido em português com outros textos: *O Passeio*, na editora Grifo, salvo erro.

O romance é construído com e pela voz da personagem principal, Jakob von Gunten, um aristocrata que vai aprender a ser criado numa escola de criados, criando um interior feito de verdades impossíveis que são as únicas realmente verdadeiras. É difícil descrever esse interior, mesmo porque esse interior é a construção a que só podemos ter acesso lendo o romance e pelas imagens mentais que pudermos criar. Não vou reler partes do romance para escrever esta breve apresentação, não vou fazer isso, embora me apetecesse. Está lá a humanidade inteira construída dentro de uma cabeça - dentro de uma cabeça é o lugar onde a humanidade inteira pode estar, e não na humanidade inteira, que não existe. Dá vontade de rir, efeito de um humor privilegiado, incomparável - e o seu dono veio a passar numa casa de «saúde mental» os últimos três quartos da sua vida, sempre com saídas e entradas de cá para lá e de lá para cá. Quem ler os seus livros é inevitável que fique um pouco inteligente. Não sei por isso dizer se vale a pena.

O filme. Já não são imagens mentais, são mesmo imagens visuais, e a questão passa a ser outra. Posso dizer que na lembrança da bruma das imagens há uma certa correspondência. Também na humidade. Lembro-me... (É o extraordinário actor Mark Rylance que faz de Jakob, o mesmo de «Intimidade», de Patrice Chéreau.) Lembro-me da amplificação do som quando ele coça o pescoço, as unhas a arranhar o colarinho, no início, depois de puxar a corda da sineta da porta da escola. Não havia som e continuou depois a não haver, por momentos. Essa amplificação do som das unhas a arranhar o colarinho fez com que se ouvisse a seguir a sineta, numa imagem, no entanto, sem som. Lembro-me também do ranger das madeiras: cadeiras, soalho... Lembro-me da vara da instrutora, com um pé de cabra.

[Vou ver alguma coisa do filme entretanto e depois vou vê-lo na íntegra aqui.]

Não, não vou ver. Acabei de escrever um argumento, estou cansado e contente, acabei de ver na Cinemateca *La Guerre est finie*, de Alain Resnais, estive a ver durante a tarde uns filmes de Man Ray e um documentário sobre Michael Snow... Já chega de imagens por hoje. (Tenho ainda de preparar as lições de Teoria da Imagem e de Filmologia.)

Trata-se este de um filme experimental, onde se procura qualquer coisa, misturando cinema e teatro. Também o tratamento dos décors, como se fossem às vezes de uma matéria moldável, com objectos, os mais quotidianos, a que as personagens têm muitas vezes de se submeter, objectos de tortura, pelo menos de tormento - e a experiência está aí, na construção de um espaço com pouca respiração, de sufocante movimento.

«O filme visualmente mais belo e o mais arrogantemente humorístico que vi nos últimos cem anos», disse Terry Gilliam. Não consta que Terry Gilliam tenha lido Walser - e daí, quem sabe? - por isso, para ajudar, traduzimos «hauntingly humorous» por «arrogantemente humorístico». <



* { A programação deste ciclo é da responsabilidade de Edmundo Cordeiro }